

O rico Vale da Miséria

Vida dura na capital mundial da pedra preciosa

Adriana Arai e J. R. de Alencar
de Teófilo Otoni

O Mercedes 600 azul-escuro faz a volta na Place de la Concorde e pára diante do número 10, no Hôtel de Crillon, da família Taittinger, construção do século XVIII. Faz frio na noite do outono parisiense. Descem do carro o barão e a mulher, alta, magra, discreta beleza. No foyer do hotel, que passa por ter o melhor *croissant* do mundo, *Mme la baronne* despe a estola de *vison*, deixando à mostra o colar de topázios imperiais — o brilho azul combina com o verde das esmeraldas de um *Royal Oak*, de Audemars Piguet.



Alfredão

Colar e relógio cintilam nos tons de seus olhos. E o Alfredão com isso?

**VIDA
BRASILEIRA**

O Alfredão — Sirgesfredo Lemos de Brito, garimpeiro nas horas vagas — constrói (im)pacientemente, há meio século, sua fama de

matador impiedoso, justamente entre os garimpos de esmeralda e alexandrita do rico Vale do Aço e os de topázio, turmalina, ametista, granada e crisoberilo do “Vale da Miséria”, como dizem dos vales dos rios Jequitinhonha, Doce, Mucuri e São Mateus, no triste nordeste mineiro.

É boa a chance de os topázios terem saído de Teófilo Otoni e as esmeraldas, da Capoeirana. Afinal, Teófilo Otoni, no Vale da Miséria, usa o epíteto de capital mundial da pedra preciosa, e a Capoeirana, no Vale do Aço, foi o maior garimpo da melhor esmeralda do mundo, até ser fechado por um juiz.

(Cont. A-4)

13/10/98 Pg. A-4 cont.

NACIONAL

O rico Vale da Miséria

Adriana Arai e José Roberto de Alencar de Teófilo Otoni
(Continuação da pág. A-1)

Rala de conforto e zerada de luxo, até que a vida tem corrido mansa para Alfredo, o jagunço de cabeça e costas quentes. E se o governo deixasse a Universidade do Missouri, nos EUA, azul de topázio do Brasil, amansaria a vida de toda a vizinhança do garimpeiro-pistoleiro: as 550 mil pessoas que vivem nos 29,3 mil quilômetros quadrados das 38 cidades do vale da Miséria, às margens da BR-116, a Rio—Bahia.

Ocorre que o topázio sai do chão branquinho. Parece quartzo e vale quase nada — algo entre US\$ 0,10 e US\$ 0,20 por quilate. Lapidado, mal paga o trabalho do lapidário, perto de US\$ 2,50 por quilate. Submetido à irradiação de raios gama na bomba de cobalto, no acelerador de elétrons ou no reator nuclear, azul e passa a valer US\$ 6 o quilate — US\$ 30 mil o quilo, pois o quilate (que se divide em 100 pontos) é um quinto de grama (esse quilate nada tem a ver com o de ouro, que mede pureza. Ouro 24 quilates é puro e não dá liga. O de 18 são três quartos de ouro).



Salvador Moreira Gomes

Como o governo não deixa topázios e outras gemas serem mandados para irradiar nos Estados Unidos, o Brasil vira vendedor de pedra bruta. A crise se alastra e Teófilo Otoni chora a perda de 80% das 3 mil lapidações que, há cinco anos, empregavam 12 mil lapidários e mantinham ocupados mais de mil pedristas e 30 mil outras pessoas — pelas contas de Salvador Moreira Gomes, presidente da Cooperativa Extrativista Mineral dos Garimpeiros dos Vales dos rios Mucuri, Jequitinhonha e São Mateus (Coopevales), lá criada pelo Sindicato Nacional dos Garimpeiros. Por isso e por outros azares, diz o presidente do Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos (IBGM), Hélciton Santini Henriques, que a exportação mineira de pedras lapidadas caiu 18% em 1997 (de 26,9 milhões para 22,1 milhões de dólares), e continua arrastando para o brejo a brasileira, já desabada em 28,3% no ano passado, de 54,5 milhões para 39,1 milhões de dólares. É verdade que a exportação nacional de pedra bruta quase dobrou em cinco anos: em milhões de dólares, foram 17,3 em 1993, 20,4 em

1994, 23,3 em 1995, 27 em 1996 e 33 no ano passado, pelos cálculos do mesmo IBGM. "Mas isso não é coisa que se comemore", diz Salvador. "Só significa que os governos da Índia, Coréia, Tailândia, importam pedra brasileira para dar serviço e salário a seus lapidários, enquanto o nosso nos deixa ao Deus dará".

Roberto Aguiar, da Associação de Joalheiros de Minas Gerais, Ajomig, tem até explicação: "lapidar um quilate no Brasil custa US\$ 2,50. Não podemos competir. Tailandeses não têm direitos sociais e lapidam por US\$ 0,12 o quilate; chineses trabalham a US\$ 26 por mês e custam US\$ 0,02 por quilate. O resultado é que a Ajomig não tem mais, entre seus filiados, nenhuma empresa grande, como as quinze que há cinco anos empregavam mais de 150 lapidários cada."

A solução? Não é uma, são oito. As duas primeiras obtêm unanimidade. Pedristas, mineradores, lapidários e exportadores de Teófilo Otoni, Alfredo e certamente todos os seus 300 mil colegas garimpeiros do Brasil (50 mil em Minas, 15 mil dos quais só no vale da Miséria), creem que (1) "Deus terá piedade de nós" e que (2) "os deputados farão algo por nós".

Devoção à parte, o vale da Miséria sonha que o governo (1) proibirá a exportação da pedra bruta, que tira serviço das lapidações e lapidários sobreviventes, (2) apoiará os lapidários e micro-empresários, (3) dará assistência técnica, jurídica e social aos garimpos e garimpeiros e (4) andará logo com a tal de ZPE, a Zona de Processamento de Exportação.

Por fim, duas reivindicações mais pé-no-chão: (1) que o governo federal confie no governo federal e mande o Conselho Nacional de Energia Nuclear (Nuclen) deixar que o Ipen controle as gemas irradiadas nos Estados Unidos, e (2) que as prefeituras mineiras deixem de fazer corpo mole. Esta está quase atendida. Depois de muita canseira, o Sindicato Nacional dos Garimpeiros conseguiu que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) e a Polícia Florestal deixassem a fiscalização ambiental por conta da Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam). Há um ano, a segunda vitória: o Conselho Estadual de Política Ambiental (Copam) repassou a incumbência do Feam para municípios devidamente aparelhados. O sindicato

conseguiu que a prefeitura de Teófilo Otoni cumprisse todas as exigências para assumir essa fiscalização, inclusive na vizinhança, mediante convênios: Teófilo criou seu Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente, sua Secretaria Municipal do Meio Ambiente e, nessa, o departamento para analisar e aprovar os projetos ambientais.

O sindicato conseguiu até remover um sólido absurdo jurídico: antes, o Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) só assinava projetos de Lavra Garimpeira após aprovação do estudo de impacto ambiental (Eia-Rima) pelo Ibama; e o Ibama só concedia o Eia-Rima após a assinatura da permissão pelo DNPM. É incrível que, vencido o cipal burocrático que só de ler já cansa, sindicato, cooperativa, associações, empresários e garimpeiros não consigam que o prefeito Edson Soares nomeie um chefe para aquele departamento e assumam de vez esse raio de fiscalização.

"Seria bom se assumisse", diz Alfredo. "Quem sabe, aí, a gente conseguia trabalhar". Ele tem, hoje, três áreas de águas marinhas, cristal e topázio. Há cinco anos, trabalha e investe numa, em Catuji, comprada de Afonso Paulino — "dentro de mês, mês e meio, se Deus quiser, começo a produzir", reza, enquanto procura sócio com capital para tocar as outras duas. Mostra a lagoa, limpinha,

na qual lava o cascalho tirado da catra distante uns trinta metros, e coça a cabeça: "não sujo a água, que seria covardia com o resto do povo, a seca está braba. Mas o Ibama pode vir e lacrar a catra. Eles são um perigo. O garimpo anda fracassado por causa deles. É judiação. O povo vive disso e o Ibama tira até isso do povo".

Salvador, o da cooperativa, confirma a dependência: "nossa agricultura se resume à lavoura de subsistência, ao café e à manga que quase não absorvem mão-de-obra. A pecuária não dá mais do que 400 empregos para os quase 600 mil contrerãos. Vivemos da pedra corada. A ametista garantia a vida de 20% da nossa força de trabalho, a água marinha, cristal, topázio baiano (ametista queimada), turmalina e crisoberilo a de outros 20%, e o topázio sustentava os 60% restantes.

Com tudo fracassado, é grande a fome". Pelas contas da cooperativa, 60% da economia de Teófilo Otoni dependem das pedras. E 80% da de Catuji, 70% da de Padre Paraíso, 50% das de Caraf e Itinga. Mariene Campos — a mais bonita das pedristas, primeira-secretária da Associação de Corretores de Pedras de Teófilo Otoni — conta que de dois anos para cá "faliram todas as lojas tradicionais da cidade, como a Casa Dragão, que tinha cinquenta anos".

Joaquim Lopes Ferreira, pedrista

VIDA BRASILEIRA



A má fama muito bem construída

Vem de longe a má fama do mais famigerado pistoleiro das Gerais, o vice-rei da Capoeirana. Em 1948, Sirgesfredo Lemos de Brito tinha 12 anos, e viu sua irmã menor morrer de fome. Analfabeto sim, mas burro nem tanto, anteviu futuro ruim e fugiu de Conselheiro Pena, 510 quilômetros ao norte de Belo Horizonte, para viver com a pistolagem na vizinha Mantena. Aos 16, já homicida e rebatizado Alfredo, aceitou oferta de cama e boia na cadeia de Vitória a troco de "serviços" na delegacia. O que lhe abriu as portas para, em 1955, virar soldado da PM capixaba.

Em 1959, já notório espancador e matador desapiadado, de volta a Minas foi admitido no 6º Batalhão da Polícia Militar, em Governador Valadares. Ele próprio ainda se abisma: "como pôde um assassino besta-fera que odiava a sociedade ser aceito na PM?". Simples, o 6º BPM também não nutria lá grande afecção pela humanidade.

Até 1962, brincou sozinho de polícia e bandido — nos dois papéis. Aí optou pela pistolagem e virou o terror dos garimpos do vale da Miséria. Preso volta e meia em Conselheiro Pena, Galiléia, Mucuri, estrepou-se de vez em março de 1967, pegou na Foz do Iguaçu, foi levado para "pagar mais de cem anos" no presídio Dutra Ladeira e no Depósito de Presos de Belo Horizonte.

Em 1970, achou tempo na Penitenciária das Neves e cursou o primário: "eu tinha a treta mas não tinha a letra", diz. O mesmo inspetor-geral que o aconselhou, Nelson Benedito Peixoto, conseguiu-lhe em oito meses a carteira verde (direito a trabalho externo sob escuta) e, dois anos depois, a rosa, de preso albergado. Em 1972, o doutor juiz José Colares a pedido do deputado doutor Altair Chagas e do general Osmar Soares Dutra me deixou ser faxineiro do jornal".

Para azar da esquerda mineira e dos jornalistas do *Jornal de Mi-*

nas, o faxineiro-mor de Afonso Paulino — dono do jornal, prócer da direita e cartola do Atlético Mineiro — não mais se enroscaria seriamente na Justiça. Ele conta: "Em seis anos me livre do processo pelo falecimento do doutor advogado Humberto Cui, de Teófilo. Peguei ainda três condenações por homicídio, uma por ocultação de cadáver e uma por besteira. Inquirições como o de Araguaçu deram em nada. Faltou prova". Soltinho, continuou "na imprensa" até 1981. Aí voltou aos garimpos em Minas, Bahia, Goiás, sempre exibindo como "sócio capitalista" o amigo e ex-patrão Afonso Paulino.

A 29 de março de 1987, o Estado de Minas divulgou denúncia feita à Procuradoria-Geral do Estado do Sindicato Nacional de Garimpeiros, acusando os "esquadrões da morte" de Alfredo de "assassinato, tortura e cárcere privado" na Capoeirana. A denúncia rendeu no avesso: três meses depois, abençoado pelo subsecretário da Segurança Pública do governo Newton Cardoso, delegado Ignácio Gabriel Prata Neto (o *Alegria dos Peixes*), Alfredo virava chefe da segurança da Capoeirana. O vice-rei.

"Enviado do doutor Prata Neto, o *Chiquinho da VIP* (Francisco Teixeira, dono da Vigilância Industrial e Particular, boa empregadora de ex-policiais e de alguns não ex) aprovou e eu assumi. Levei comigo o Zezão, o Misael que logo foi morto, o coitado do Gerisino, que mataram, o detetive Walter Januário dos Santos e, mais tarde, o coronel Nazaré, da PM".

Sob tal comando, o enfezado bando de Alfredo pôde "pôr fim à violência que imperava por lá". Um homicídiozinho ou outro, claro, ninguém consegue evitar. Como o de 18 de outubro de 1989.

quando Hamilton Costa, o *Carlão* da Mineração Astro, matou por nada um garimpeiro indefeso, José Ferreira dos Santos. Bisco ruim, o Carlão. Antes de ser morto pela polícia, dali dois meses, mataria, na *chacina de Malacacheta*, toda a família Cordeiro de Andrade. A morte do garimpeiro repercutiu na capital mineira. O ex-delegado Jaime Guimarães, vereador, acusou o delegado Prata Neto de acobertar *Carlão*. E o presidente da cooperativa dos mineradores, Anísio dos Santos, acusou o juiz Aldair Alves de defender "o interesse dos delegados Edson Dero-ma e Thacyr Meneses Sia, e de detetives que dominam o garimpo".

Jogo duro. Meneses Sia tinha sido superintendente da Polícia Civil e Prata Neto era o subsecretário da Segurança Pública. Dero-ma, chefe do Instituto de

Identificação, viria a ser o maior proprietário, no Estado, dos alvarás de pesquisa e lavra concedidos pelo Departamento Nacional de Produção Mineral, DNPM.

Nas reuniões para dividir o lucro da Capoeirana, Alfredo não se sentava à mesa com esses doutores e os donos dos alvarás e das terras. Esperava sua parte na caminhonete: "era tanto saco de dinheiro que não cabia em carro. O coitado do cabo que jarrava a sacaria para mim vivia desancado".

Com o "dinheiro que não acabava mais", Alfredo virou dono de prédios na capital, fazendas na Bahia, caminhonetes de cabine dupla, contas bancárias de US\$ 70 mil e bar no Arraial da Ajuda, no litoral baiano. Enfiou tudo em garimpos. Só na Capoeirana, atolou US\$ 1,5 milhão. O bar da praia? "Já foi. "Detestava a freguesia. Tudo drogado. E eu sou homem sério".

(A.A. e J.R.A.)

ZPE é sonho de garimpeiro

Garimpeiro vive de sonho. Troca salário certo pela esperança de sorte grande e bamburra. A miséria do garimpo será compensada por mulheres e milhares ou milhões de dólares tornáveis em brincadeiras de gente rica: viagem, show particular de artista famoso, hotel. Depois, é a volta para a catra para sonhar tudo outra vez. Em Teófilo Otoni, o garimpeiro compartilha outro com toda população: a ZPE.

"A Zona de Processamento de Exportação vai trazer emprego", juram os cambalacheiros na praça central, onde jogam conversa fora enquanto esperam pelo freguês, que anda meio sumido. A crise está tão feia que o sonho vira realidade na cabeça de uns: "Já funciona. Paga só 0,5% de imposto", garante um deles.

Nada disso. A ZPE até está pronta. Tem superintendência e 40 mil metros quadrados construídos para escritórios num terreno de 164 mil — obra concluída que consumiu R\$ 5 milhões (62% de Kalil Elawar e Sérgio Martins, 32% do governo de Minas e 6% de pequenos investidores), fora os R\$ 3 milhões investidos por Minas na infra-estrutura. Mas daí a funcionar vai distância. O governo federal entende, há mais de dez meses, para aprovar os projetos das duas empresas interessadas — a Kalil Elawar International e a Stone World International (de Sérgio).

E vai enrolar mais. Em ZPE, empresa não paga imposto para importar matéria-prima e máquina usadas para exportar. E teme que ela vire zona, como era a Zona Franca de Manaus até há pouco. E duvida que com ela o País exporte mais. Há 17 ZPEs, raras adiantadas como essa, nenhuma funcionando. Para Elawar, a resistência tem nome: Clóvis Carvalho e José Serra.

(A.A.)

de Padre Paraíso, explica que "o sócio capitalista, o financiador do garimpeiro, era o engraxate, o bancário, o rapaz do açougue ou o funcionário da repartição. A crise rebaixou o salário de uns e tirou o emprego de outros. E ainda raleou a freguesia do cambalacheiro, que sem poder corar topázio, passou a vender barata a pedra bruta. Desempregou o lapidário que nos financiava, e ficou ele próprio sem condições de financiar.

Cosme Eran Alves Santos, dono da RC Gemas, em Teófilo, tem prática no mercado internacional de gemas — exporta para Estados Unidos e Europa. Diz que o mercado de esmeraldas ainda está bom, mas a produção limitada à de Carnaíba, Bahia, "porque a extração de Nova Era está parada e a de Santa Terezinha, em Goiás, no fim".

Ele conta que o mercado entrou em crise nesta década, depois da euforia dos anos 70 e 80, "por causa da globalização, que dispensou as importadoras e joalherias de manterem estoque. Agora podem comprar só na hora em que precisam".

A produção mundial caiu, mas o preço caiu junto, porque a procura pelas pedras mais conhecidas também desabou, com a entrada do topázio amarelo, da turmalina, da ametista e de mais quatro ou cinco gemas antes pouco procuradas", diz ele. "Resta-nos vender pedra bruta. O governo da Índia importa muito e qualquer qualidade de esmeralda para dar emprego aos lapidários de lá. A China também compra de tudo em larga escala. Lapidados, vendemos para os japoneses, que gostam de pedras mais raras como crisoberilo e alexandrita. E para os americanos, os maiores compradores. A Europa, que concentra os melhores joalheiros na Itália e na França, leva a melhor mercadoria."

Seja como for, a festa acabou. De garimpos como o de esmeraldas da Capoeirana — que chegou a abrigar 2.500 pessoas na corrutela —, da alexandrita de Coronel Fabriciano (também pertinho de Nova Era) ou de olho-de-gato em Catuji só restam as saudades da garimpeirada. Em todos eles, a corrupção dos três pode-

res e a violência foram marcantes. No de alexandrita — a pedrinha que muda de cor sob luz artificial e cujo quilate chega a valer por dez quilates de diamante —, nem duas CPIs deram jeito. Senadores e deputados se cansaram de ouvir denúncias contra Robson Tuma (filho do então secretário da Receita Federal e chefe da Polícia Federal), Antônio Cipriani e um doleiro chinês chamado Chang, de Governador Valadares. Ficou por isso mesmo.

Na Capoeirana sobrou acusação até para o ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil seção Goiás, Caub Feitosa, e para o então governador Íris Resende, de Goiás. Mas a garimpeirada tem saudade, até das baixas sofridas em tiroteios. "A macega (cata escondida na lavra alheia, não vista pelo fiscal que se faz de "ama cega") na lavra de crisoberilo do Rodolfim mantinha Catuji rica", conta Alfredo. E o cambalacheiro (pedrista) Titov Santos completa: "O capitão Pedro, de Valadares, contratado pelo alemão Rudolph Zimmer, jamais conseguiu

impedir nossa macega. Morria gente, mas o povo continuava. Foi de 1958 até 1995. Aí Rodolfim morreu, a viúva, dona Elisabeth, vendeu para o Quelê de

Roque e ninguém mais conseguiu macegar. Cercaram tudo com arame e muita polícia.

Para dar uma idéia da violência e da impunidade, nem se precisa, no entanto, falar de garimpo com dono e alvará concedido. Basta ouvir a historinha contada por Nascimento Batista Santos, garimpeiro que trabalhou com Alfredo na Capoeirana e hoje tira águas marinhas, topázio e cristal em Catuji. Ele mostra o local e conta: "Meu pai estava de peão na construção desta estrada e viu quando o trator rolou uma pedra. Olhou lá em baixo e viu um garimpeiro chamado cristalino Alves catar a pedrona e sair correndo pelo meio do mato. Desceu, viu lascas de água marinha e relatou. A polícia seguiu o Novaes no posto de gasolina. Meu pai ganhou 100 contos. A pedra, batizada de Estrela Dalva, parecia safira, de tão linda. Valia um milhão de contos: pesava 19,5 quilos".

Além dos sonhos, duas reivindicações: que o governo federal confie no governo federal, e que as prefeituras assumam o seu papel

Entre duas ilusões, a frieza da ciência

"É preciso conferir tudo. Até o pedregulho que a formiga cabeçuda põe para fora. Em Ferruginha, distrito de Conselheiro Pena, foi formiga que achou muitos milhões de dólares de esmeraldas." Aula de Alfredo — ou de qualquer outro garimpeiro. Todos sabem ler "o que a terra arrota".

Nascimento Batista Ramos, por exemplo, construiu sua casa em Catuji onde o mato, "é claro", encobria a água marinha. E por falar em casa, Alfredo botou no chão a casa na cidade de Catuji, pela qual pagara R\$ 15 mil, certo de que embaixo dela havia pedra preciosa. Não havia — o dono anterior já havia "limpado a catra".

Prejuízo pouco para alguém como Alfredo, que só no chão da Capoeirana enfiou mais de um milhão de dólares. Vale a pena? "É claro que vale. Um dia a gente bamburra, fica rico", diz o garimpeiro cuja sabeloria analfabeta já enricou algumas vezes.

A ilusão de novamente ficar rico tem algo a ver com o encantamento provocado em *Mme la barone* pelos topázios imperiais. Ou com a ira provocada no czar Alexandre II pela pedra recém-descoberta nos Montes Urais. Viu-a um dia verde e linda na joalheria, encomendou e, numa noite muito importante, presenteou com a jóia a sua amada. Caiu porém na besteira de, antes, fazer referência à cor de seus olhos. Para azar do joalheiro, sob luz artificial, a alexandrita fica vermelha.

Alheia aos dois extremos fantasiosos está a ciência, quase cínica de tão fria. Para a física Maria Silvia Gorski, do Ipen, água marinha não passa de silicato de alumínio e berílio, um mineral do grupo do berilo, que engloba a esmeralda e o próprio berilo.

"A cor depende das impurezas da pedra. A ametista, por exemplo, é quartzo com ferro. O verde da esmeralda é do cromo e vanádio. Mas no rubi, o cromo responde e pelo vermelho", explica Silvia. E

segue: "topázio é silicato de alumínio fluorado. Uma delícia de estudar. Dependendo da quantidade de flúor e hidroxila, responde melhor ou pior aos raios gama de uma fonte de cobalto 60", diz.

Raios gama? É "Cerca de 70% da gemas negociadas no mundo sofreram beneficiamento para ganhar cor mais intensa. Um dos processos é a irradiação. O topázio é exemplo. Só ganha o azul forte depois de irradiado pela fonte mais adequada, uns com nêutrons, outros por elétrons ou gama".

O topázio de Marambaia, meio amarelado, pega cor fácil (Sky Blue) com gama. O de Rondônia, melhor do País, por ser mais puro, ter pouco flúor e hidroxila, ganha cor (London Blue) se tratado com elétrons nos Estados Unidos, Índia e China, onde existe acelerador. Se fosse corado, seria lapidado — e daria emprego a 10 mil lapidários no Brasil. Não sendo, mais de mil quilos por mês saem brutos, só serrados em Teófilo.

A cor mais valiosa é a Swiss Blue, obtida por dois bombardeamentos, de elétrons e de nêutrons. Ametista e turmalina rosa também ficam mais preciosas após irradiação, que muda a propriedade ótica dos cristais, alterando a valência das suas impurezas — e o prisma da cristalização.

Para azular a água marinha basta esquentá-la. O aquecimento ameniza o amarelo que a deixava esverdeada. A safira, normalmente amarela e marron, passa a azul profundo se levada a 1.700 °C.

A ciência da física Sílvia explica até alguma coisa da sabeloria analfabeta dos garimpeiros. Nascimento, por exemplo, só de esfregar cascalho, no escuro da catra, sabe se é quartzo ou topázio. "A densidade do quartzo é de 2,56 a 2,65. O topázio incolor, de 3,53 a 3,56. Em laboratório, colocamos as duas em bromofórmio, de densidade 2,83. Quartzo bóia. Garimpeiro dispensa bromofórmio.

(A.A. e J.R.A.)